

Instituições sugerem ativo real

Enquanto o Banco Central aconselha o investidor a continuar na sua atual aplicação financeira, há um conjunto de bancos de pequeno porte — considerados muito ágeis no mercado financeiro — que optaram por um outro tipo de receita. Na visão deles, o melhor é fugir para os ativos reais — como ouro e dólar — ou escolher títulos que estejam atrelados a índices independentes, como o da Fundação Getúlio Vargas, pois não estarão sujeitos a qualquer tipo de expurgo ou vetor.

“Pelo menos 60% do caixa disponível de uma empresa devem ser constituídos por ouro, dólar, ativos indexados ao câmbio oficial e outros índices que não seja o oficial”, resume o economista Alexandre Koch Torres de Assis, do Banco Ômega. Convencido de

que o governo deve promover algum tipo de ajuste na dívida interna, ele recomenda as empresas a deixarem no overnight apenas aquela quantia mínima necessária.

Torres imaginou três cenários distintos e a partir deles traçou qual seria o investimento ideal. No primeiro, chamado de uma tentativa de *golpe de caratê*, o governo Collor de Mello reeditaria o clima de euforia do Plano Cruzado, fazendo um congelamento de preços e aplicando um vetor de preços no índice oficial de inflação. Haveria ainda um reajuste pesado nas tarifas públicas e no câmbio. Nesta situação, o melhor, calcula o economista, seria escolher ativos financeiros, como debêntures e CDBs, que não estão atrelados ao IPC, medido pelo IBGE.

Se o governo optar por um pacto social, fugindo portanto do congelamento e do vetor de preços, Alexandre Torres defende as aplicações de renda fixa, desde que vinculadas a índices independentes de inflação e com menor peso para as ações em um primeiro momento.

Na terceira hipótese, chamada de *passividade temporária*, o novo governo não tomaria medidas de impacto nos primeiros 30 dias. Assim, as empresas devem engrossar as suas posições com ouro e dólar e escolher aplicações que ofereçam como rendimento a maior oscilação entre diversos tipos de índices. Este detalhe é importante, pois neste cenário a inflação ultrapassaria os 100%. (C.G.)